

# **A percepção de professores indígenas sobre os processos da dinâmica terrestre no ambiente da floresta amazônica, estado do Acre, Brasil.**

*Rosely Aparecida Liguori Imbernon<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH, Universidade de São Paulo-USP

**RESUMO:** A educação indígena esteve por mais de 30 anos circunscrita e protegida pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, um órgão específico, que visava à alfabetização bilíngüe e matemática. A partir de 1991 o Ministério da Educação assumiu a coordenação da educação indígena e políticas públicas para educação escolar indígena buscou vencer o paradigma da especificidade, da diferença, da interculturalidade e da valorização da diversidade lingüística. O estado do Acre é o único, em todo o território nacional, a manter um programa de qualificação em que todos os povos indígenas são beneficiados, respeitando suas diferenças e etnias. Neste trabalho, a abordagem metodológica partiu da premissa de que a educação que os alunos indígenas buscam na Universidade, além do conhecimento advindo da cultura do “nauá”, visa à preservação da cultura e a recuperação de suas tradições. Essa perspectiva aponta, necessariamente, para a construção da autonomia, como decorrência de um princípio político-pedagógico de que educar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua construção. A partir dessa premissa, busquei realizar o trabalho por meio da combinação de técnicas da pesquisa-ação e da pesquisa-participante, de forma a obter um diálogo entre professor-pesquisador e o grupo de alunos. Assim, o tema “O solo na cultura e na vida indígena” foi desenvolvido com os alunos e constatamos que as lendas, tradições e costume transferidos por gerações predominam em relação ao conhecimento Geocientífico, mesmo para os indígenas que já atuam como professores. As atividades realizadas com o grupo de professores indígenas sobre “o valor da terra” indicaram uma grande diferença entre o valor dado pelos povos indígenas e aquele dado pelo povo dos “brancos”. De fato, a mentalidade proprietária é uma das mais fortes que carregamos em nossa sociedade. Precisamos “ter” alguma coisa, pois quem não tem, no mundo capitalista, é pobre, sem teto, sem terra, sem emprego e sem dignidade (Neiva, 2009), diferentemente aos povos indígenas o importante é “ser da terra”. Quando abordamos sobre o conteúdo “solo”, muitas dúvidas surgiram entre os alunos, a principal delas era sobre o termo “rocha”, pois para eles rocha era a terra dura que fica debaixo do solo mais mole na superfície onde se planta. O solo tem duas funções básicas na vida cotidiana da aldeia: para a produção de alimento, e para a produção de cerâmica e construção. Para cada uma das utilizações o solo deve ter uma característica que, segundo os relatos, se baseia em características mineralógicas. Os solos mais arenosos são melhores para a agricultura, enquanto os solos mais argilosos, barro, são melhores para a cerâmica e construção. O aprendizado e desenvolvimento tem a palavra como fator essencial, sem a qual não se atingiria a interação pretendida pelo professor/pesquisador, pois o objetivo do educador varia em acordo com a tendência com a qual ele se identifica.

**PALAVRAS CHAVE:** educação diferenciada; ensino de geociências e senso comum